

ALTERAÇÃO NA LINGUAGEM EM PESSOAS IDOSAS COM DOENÇA DE ALZHEIMER²

Elisângela Andrade Moreira Cardoso (UESB)

elisangelajgdan@gmail.com

Maria Eduarda Silva Gomes Roberto (UESB)

mariaeduardasgroberto@gmail.com

Nirvana Ferraz Santos Sampaio (UESB)

nirvanafs@terra.com.br

RESUMO

Estudos apontam a inexistência de um marcador biológico para a Doença de Alzheimer (DA), doença cerebral, até então de caráter progressivo e incurável, que compromete as funções corticais, afetando a memória, o raciocínio, a orientação espaço-temporal, a compreensão, a linguagem e a aprendizagem. Este trabalho visa apontar algumas considerações sobre a linguagem na DA, enfatizando alterações, perspectivas e alternativas, atribuídas por um sujeito com DA em processos interativo-discursivos, que permitem uso avaliativo de sinonímia, cooptação semântica e articulação de expressões, como formas alternativas de significação. Com metodologia qualitativa, apoiada na Neurolinguística Enunciativo-Discursiva, a pesquisa foi realizada com um idoso, identificado como BA, sem escolaridade, com diagnóstico de DA, residente em uma Instituição de Longa Permanência, em Vitória da Conquista - Bahia, Brasil. Constatou-se que, apesar de entender o enunciado, BA apresenta comprometimento parcial de linguagem, usa sinônimos e recorre a canções ouvidas na juventude, como recursos alternativos de fuga para o que ele não sabe responder ou para ganhar tempo até obter uma resposta na conversa para se fazer entender.

Palavras-chave:

Linguagem. Doença de Alzheimer. Neurolinguística Enunciativo-Discursiva.

ABSTRACT

Studies point to the lack of a biological marker for Alzheimer's Disease (AD), a brain disease, hitherto progressive and incurable, which compromises cortical functions, affecting memory, reasoning, space-time orientation, comprehension, language and learning. This work aims to point out some considerations about language in AD, emphasizing alterations, perspectives and alternatives, attributed by a subject with AD in interactive-discursive processes, which allow the evaluative use of synonymy, semantic cooption and articulation of expressions, as alternative forms of meaning. With a qualitative methodology, supported by Enunciative-Discursive Neurolinguistics, the research was carried out with an elderly person, identified as BA, without schooling, diagnosed with AD, residing in a Long Stay Institution, in Vitória da Conquista – Bahia, Brazil. It was found that, despite understanding the utterance, BA has partial language

² Este texto é uma produção efetiva da autora em uma pesquisa acadêmica intitulada “A Linguagem em processos interativo-discursivos de pessoas idosas com Doença de Alzheimer”.

impairment, uses synonyms and resorts to songs heard in his youth, as alternative escape resources for what he does not know how to answer or to gain time until he gets an answer in conversation to make yourself understood.

Keywords:

Language. Alzheimer's Disease. Enunciative-Discursive Neurolinguistics.

1. Introdução

Segundo o levantamento realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) aponta que, em 2021, 14,7% da população brasileira é composta por pessoas acima de 60 anos. Com isso, é observada a inversão progressiva da pirâmide etária e o aumento da longevidade. Contudo, o atual envelhecimento populacional é antagônico à qualidade de vida, visto que crescem os desafios das doenças crônicas e doenças neurodegenerativas nesta parcela populacional, com ênfase para as síndromes demenciais.

A demência se caracteriza como síndrome clínica que leva ao acometimento crônico e progressivo dos domínios cognitivos, com impacto direto nas atividades de vida diária da pessoa acometida. As demências são recorrentes na população idosa, apesar de não caracterizarem parte do processo fisiológico do envelhecer. Elas podem se apresentar por meio de confusão mental, mudanças de humor, declínio intelectual, eventos mnestésicos e alterações de linguagem (Cf. CAÇANDO; ALANIS; HORTA, 2016).

Entre as doenças neurodegenerativas progressivas, a Doença de Alzheimer (DA) é a apresentação mais prevalente, com efeito na população idosa. A doença se manifesta com atrofia da massa encefálica, apagamento dos sulcos cerebrais e destruição neuronal gradativa. Tem como principal característica eventos mnestésicos que se associam a demais declínios cognitivos com o evoluir da doença. A DA apresenta caráter gradativo passível de ser dividido em três estágios de progressão: leve - presença de perda de memória, discurso espontâneo vago, impreciso; moderado - déficit mnestésico incapacitante, com apraxias, agnosias, perda das funções executivas; severo - alterações graves marcadas pela afasia, mutismo, disortografia, agrafia, alexia levando a incapacitação do indivíduo (Cf. MORATO, 2018; ARAÚJO *et al.*, 2015).

Morato (2004) aponta que a linguagem e o cérebro funcionam como um sistema dinâmico, ancorado nos outros domínios cognitivos que participam no processo de percepção do mundo e da aprendizagem. As

regiões envolvidas na linguagem são: as áreas de Broca – localizada no giro frontal inferior, e de Wernicke – temporoparietal – responsável pela parte motora e sensorial da linguagem, respectivamente, e conectadas pelo fascículo arqueado (Cf. CAÇANDO; ALANIS; HORTA, 2016). A afasia é consequência de lesão cortico-cerebral que além de afetar a linguagem, lesiona demais domínios responsáveis pela expressão e produção dos sentidos verbais e gramaticais (Cf. CODRY; FREIRE, 2017 *apud* BENVENISTE, 1995a). As afasias apresentam múltiplas classificações, sendo estas relacionadas com a área e o tipo de acometimento, podendo manifestar agnosias e apraxias associadas, ressalta-se críticas aos modelos localizacionistas de funções mentais superiores (LURIA, 1981).

Apesar de apresentarem natureza própria e independente, a afasia e as demências apresentam correlação intrínseca, por meio da necessidade do sujeito com DA necessitar da reestruturação da linguagem para a estruturação do fazer entender e o estabelecimento da relação comunicacional do “eu e o outro” (Cf. BAKHTIN, 2017).

2. Linguagem e Doença de Alzheimer

A linguagem é um processo fluido e dinâmico que sofre influências do meio, dos fatores biopsicossociais dos atores sociais, das relações sociais, de fatores histórico-culturais, cujas influências são expostas ao sujeito, de forma a estruturar a linguagem, além da verbalização, significando-o mediante seu papel social (Cf. MORATO, 2001; NOVAES-PINTO, 2017; PANHOCA, 2013).

Assim, surge o viés da afasia como uma disruptura do cenário onírico do estabelecimento do sujeito com si e com o outro, como um ser de significado e significância no meio. Porém, a Neurolinguística traz um trinômio afasia-linguagem-sujeito, que nega o apagamento do sujeito e propõe sua reestruturação por meio de estratégias além da verbalização e grafia (Cf. SENHORINI *et al.*, 2016; NOVAES-PINTO; SANTANA, 2009).

A DA é tipicamente apresentada com evolutiva atrofia na região do sistema límbico, com ênfase na formação hipocampal, levando a perdas mnemésicas gradativas que comprometem a memória episódica, de longo prazo e a memória bibliográfica. A progressão da degeneração tende a atingir a região cortical responsável pela linguagem levando ao quadro afasiológico ascendente. Os acometimentos da linguagem variam com os estágios de progressão da doença.

Em caráter ilustrativo, a progressão pode ser dividida em três estágios e com as seguintes características: inicial, dificuldade para iniciar e acompanhar conversas em situações complexas (como em grupo), prejuízo da memória semântica, anomia (evidenciada pelo uso de circunlóquios e algumas parafasias), maior uso de termos genéricos e imprecisos; moderado, comprometimento nas habilidades semântico-pragmáticas, dificuldade de compreensão de enunciados com sentido não literal, produção de fala sintaticamente fragmentada, maior incidência de repetições e de anomias; severo: agnosia, alexia, disortografia/agrafia e mutismo associado com apraxia e agnosia. Observa-se uma desordem no planejamento inicial da conversa, dificuldade em produzir novas ideias devido ao lapso da memória episódica.

Conforme Coudry (2008), os processos alternativos de significação exploram “silêncios com expressividade, palavras que não são ditas, palavras ditas, segmentos de palavras, não palavras, e palavras que involuntariamente se apresentam, entremeadas pela presença do corpo, de gestos, percepções, associações, objetos, ações” (COUDRY, 2008, p. 32). O que leva a conclusão que mesmo na evolução de severidade do quadro demencial, com a presença de alterações de linguagem pelo acometimento das zonas cerebrais responsáveis pela linguagem, em meio ao dinamismo cerebral, é possível a construção de sentido pelas situações enunciativo-discursivas significativas envolvendo a pessoa com DA, a partir da abordagem da neurolinguístico-enunciativa.

3. Caminho Teórico-Metodológico

A Neurolinguística Enunciativo-Discursiva enfatiza a importância da relação entre língua, sujeito e cérebro, tanto na teoria quanto na prática da análise linguística. A linguagem é vista como uma atividade humana dinâmica e indeterminada, em que o sujeito atua com e sobre ela, e ambos se constituem em um movimento interativo. Este olhar para a linguagem é fundamentado em trabalhos de autores como Franchi (1992), Coudry (1998) e Geraldi (1990), sendo considerado como um aspecto teórico de grande relevância para a Neurolinguística Enunciativo-Discursiva (Cf. MAZUCHELLI, 2017).

Isso permite que a Neurolinguística observe fenômenos relacionados à linguagem e ao envelhecimento, especialmente na dificuldade expressa pelo idoso em encontrar palavras nos momentos de interação com o outro. A análise qualitativa é uma metodologia ideal para essa reflexão,

haja vista que “(...) o foco é no entendimento da intensidade vivencial dos fatos e das relações humanas (...)” (MINAYO; COSTA, 2018, p. 143), permitindo, com isso, compreender como as ações sociais e experiências sociais são criadas e sustentadas, uma vez que essa abordagem é fundamentada em práticas sistemáticas e interpretativas para buscar respostas a perguntas relevantes.

Nessa perspectiva, o corpus da pesquisa se formou a partir de sessões semanais de acompanhamento longitudinal (com duração média de 30 a 50 minutos), que foram gravadas e serviram como subsídios para a retirada dos dados, a constituição de corpora e a análise dos diferentes dados materializados, considerando os aspectos da linguagem nos enunciados verbais e não verbais de um sujeito demenciado e residente, desde o mês de maio de 2022, em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI), em Vitória da Conquista, Bahia. O sujeito é aqui identificado, conforme o sistema de notas e codificações que se encontra no Banco de Dados em Neurolinguística (BDN), como BA, um senhor de 85 anos, natural da cidade de Jequié, interior da Bahia. BA é divorciado, tem sete filhos, sendo cinco do primeiro matrimônio e dois do segundo, estes dois ainda são menores em idade; além disso, tem cinco netos e dois bisnetos. Ele não tem escolaridade (não sabe ler e nem escrever), trabalhou na agricultura e como pedreiro até se aposentar. Foi diagnosticado em agosto de 2019 com DA por meio de acompanhamento neurológico e de testes padronizados. Vale registrar que a identidade da investigadora (Iea), seguiu, também, o padrão estabelecido pelo BDN e que as sessões foram autorizadas por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), tanto pelo sujeito participante quanto pelo seu responsável e que as transcrições reproduziram, de forma fidedigna, ou seja, na íntegra, a fala do sujeito, respeitando seus enunciados linguísticos. A pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, número 5.376.300.

Entre tantos temas desenvolvidos nos momentos interativo-discursivos, foram selecionados dois, com o intuito de apontar as alterações e as perspectivas utilizadas pelo sujeito, como alternativas para significação.

4. Resultados e Discussão

As reflexões aqui apresentadas são algumas de tantas ilações concretizadas a partir da análise de dados advindos pelo acompanhamento longitudinal, com sessões individuais, os quais evidenciam a linguagem de

BA, uma pessoa idosa demenciada.

Os episódios que se seguem apresentam as alternativas de linguagens, verbais e não verbais, utilizadas por BA, com o intuito de produzir significados, revelados no processo interativo-discursivo e construir sentidos.

Entre vários episódios, dois foram destacados, sendo que o contexto do primeiro se estabeleceu quando, após um extenso período de calor na cidade, a investigadora planejou discutir sobre as eventuais possibilidades que a chuva desponta, como a questão da plantação, uma realidade experienciada por BA que viveu, por muitos anos, na zona rural, e da probabilidade de ele falar com propriedade sobre agricultura, de forma geral, assim descrito:

Quadro 1: Episódio 1 – Chuva e plantação.

| Turno | Sigla do Locutor | Transcrição | Observações sobre condições do enunciado verbal | Observações sobre condições do enunciado não verbal |
|-------|------------------|--|---|---|
| 1 | Iea | Como o senhor está? | | |
| 2 | BA | Num tô fazeno mais nada... Como tá o povo lá? | | Gesto com a mão para trás. |
| 3 | Iea | Está tudo bem. E esse calor é pra chuva? | | |
| 4 | BA | Teve uma noite que choveu a noite toda. | | |
| 5 | Iea | Depois que chove é bom plantar o quê? | | |
| 6 | BA | É... mandioca, prantar... é... pinto, a galinha... | Palavras associativas | Olha para o alto. Pausas longas. |
| 7 | Iea | Criar galinha? | | |
| 8 | BA | Hum... É bom. Num farta sem ovo, toda hora tá a galinha botano e... | Interjeição Metonímia | Pausas longas. |

Fonte: Elaboração da autora, 2023.

Corroborando com o pensamento de Franchi (1992), a linguagem não pode ser reduzida a um mero instrumento, uma vez que se assim fosse, as opções expressivas do falante seriam limitadas. Com base nessa afirmativa, os enunciados descritos acima vislumbram a riqueza presente na conversação entre a investigadora e o sujeito da pesquisa. O referido episódio aponta que BA respeita e participa dos turnos e, ainda no **Turno 2** “Num

tô fazendo mais nada”, pode-se perceber um saudosismo daquilo que um dia ele foi, homem de trabalho, esforçado, e que agora se encontra limitado, ou seja, ele compara sua vida atual com aquela que ele tinha. Após uma pausa longa, nota-se a subjetividade do antes sujeito, agora como investigador ao questionar sobre a família da investigadora (Iea) **“Como tá o povo lá”, Turno 2**, usando nesse enunciado gesto indicativo com a mão sobre os ombros, referindo-se à localização, uma linguagem não verbal como estratégia definida por Feiden (2014, p. 51), como “dêiticos”.

No **Turno 6 “É... mandioca, prantar... é... pinto... a galinha”**, BA responde ao questionamento de Iea sobre o que é bom plantar depois que chove, e ele usa de um verbo para começar a elencar o que se deve plantar, mas pode-se notar, além das pausas, a repetição de palavras **“É... é... é...”**, como forma de processar a palavra posterior à repetida e, por não conseguir recuperá-la, repete, sendo uma alternativa linguística que pode ajudar o sujeito com DA a se lembrar da palavra que está tentando acessar. Todavia, como não conseguiu acessar a (s) palavra (s), BA faz associação não apenas entre as palavras **“pinto, a galinha”, Turno 6**, mas também, à vida campesina por ele vivida, como fragmentos de sua memória biológica, revelados por meio das informações que foram armazenadas e recuperadas em seu cérebro nesse processo que envolve a linguagem.

Por fim, o **Turno 8 “Hum... É bom. Num farta sem ovo, toda hora tá a galinha botano e...”** apresenta, inicialmente, uma interjeição **“Hum...”**, que exprime aprovação para a indagação de Iea e, posteriormente, BA utiliza como alternativas de significação, além da associação entre as palavras ovo e galinha, também a metonímia, ou seja, ele enuncia a ave “galinha” à sua função em produzir ovo. Assim, a linguagem permite “pensar” e “significar” em meio a devaneios e coordenadas uniformes, construindo dessa forma, eixos imagináveis e possíveis (FRANCHI, 1992).

Outra situação bem presente nos momentos de interação, com BA diz respeito à musicalidade, pois, ele sempre recorria a fragmentos de músicas, de grande repercussão nos tempos de outrora, como alternativa de escape às perguntas, que, por hora, tinha dificuldade em responder, como por exemplo, constantemente, no desenrolar de um processo discursivo-interativo, ele começava a cantarolar **“Vem amor, vorta por caridade, ai que dô, tô pra morrer de saudade”**. Curiosamente, a investigadora (Iea) se debruçou em descobrir sobre esses versos, selecionou a música e apresentou a ele, quando fora constituído o episódio abaixo.

Quadro 2: Episódio 2 – Música “Vem amor...”.

| Turno | Sigla do Locutor | Transcrição | Observações sobre condições do enunciado verbal | Observações sobre condições do enunciado não verbal |
|-------|------------------|--|---|--|
| 1 | Iea | Que música é essa? | | Liga o som na introdução da música. |
| 2 | BA | Que musga é? Aí... agora é que eu... essa daí eu num sei. | | Pausas longas. |
| 3 | Iea | Sabe qual é? | | Apresenta algumas dicas, diz que ele sempre canta e liga o som para ele ouvir. |
| 4 | BA | É... é... Eu... Essa musga é bunita, viu! | Repetição de palavras. Começa a cantar. Risos | Pequenas pausas. Se emocionou e se empolgou cantando. Olhos brilharam. |

Fonte: Elaboração da autora, 2023.

O episódio acima assinala momentos de esquecimento, como no **Turno 2 “Aí... agora é que eu... essa daí eu num sei”**, gerando, pois, um conflito entre o lembrar e o esquecer, visto que a lembrança evoca o passado, não necessariamente da forma como ocorreu, mas como uma “elaboração romanceada do passado, tecida de afetos ou fantasmas cujo valor, essencialmente subjetivo, estabelece-se na medida das necessidades e desejos atuais do sujeito” (GUILLAUMIN, 1968, p. 134) e o esquecer, nesse caso, conferido aqui pela patologia da Doença de Alzheimer. Todavia, após a investigadora lhe apresentar algumas dicas, definidas por Marinho (2012, p. 45), como “*prompting*”, um processo linguístico que ocorre durante uma interação entre pessoas, que tem como objetivo estabelecer e organizar a evocação de um enunciado ou ideia. Em outras palavras, o *prompting* ajuda a trazer à tona um determinado assunto ou pensamento durante uma conversa, o que foi crucial para que BA, após a repetição de palavras no **Turno 4 “É... é...”** e o reforço do “**Eu...**”, por ser a linguagem um processo subjetivo que se constitui nas práticas discursivas e nas interações sociais, e que linguisticamente é marcado com o “eu” e o “tu” (Cf. BENVENISTE, 1991), lembra e começa a cantar.

Todo esforço subsidiado pela alternativa, cooptada nas práticas

discursivo-enunciativas, propicia a participação efetiva do sujeito, tornando-o não apenas participante, mas também, um sujeito social-histórico-cultural, que se constitui na e pela linguagem, que transcende a emoção retratada na significativa lembrança do “*Essa musga é bunita, viu!*”, expressa no **Turno 4**.

Essas análises reportam à Franchi (1992), por considerar que a linguagem humana tem um caráter criativo e dinâmico, o que significa que ela está em constante mudança e evolução, além de sua flexibilidade e adaptabilidade, sendo a linguagem uma forma de potencializa o ser humano. Afinal, segundo esse autor,

[...] certamente a linguagem se utiliza como instrumento de comunicação, certamente comunicamos por ela aos outros nossas experiências, estabelecemos por ela, com os outros, laços “contratuais” por que interagimos e nos compreendemos, influenciamos os outros com nossas opções relativas ao modo peculiar de ver e sentir o mundo, com decisões consequentes sobre o modo de atuar nele. [...] temos então de apreendê-la nessa relação instável de interioridade e exterioridade, de diálogo e solilóquio: antes de ser para a comunicação, a linguagem é para a elaboração; e antes de ser veículo de sentimentos, ideias, emoções, aspirações, a linguagem é um processo criador em que organizamos e informamos nossas experiências. (FRANCHI, 1992, p. 25)

Conclui-se, então, que a linguagem é uma ferramenta de socialização nas relações estabelecidas entre os seres humanos, independente do quadro clínico típico (normal) ou atípico (patológico) em que se encontra, como por exemplo, os sujeitos com Doença de Alzheimer.

5. Considerações finais

As questões e os dados apresentados a partir dos enunciados de BA, diagnosticado com DA, revelam processos em desenvolvimento no quadro inicial da doença, os quais podem ser eficazes para reconstruir e reorganizar as memórias (Cf. BEILKE; NOVAES-PINTO, 2010), cujo processo enunciativo-discursivo se configura como construtor de sentidos, à medida que recursos alternativos se aperfeiçoam nas situações significativas entre o investigador e o sujeito.

Constatou-se que, apesar de entender o enunciado, BA apresenta comprometimento parcial de linguagem, usa sinônimos e recorre a canções ouvidas na juventude e à repetição de palavras, como recursos alternativos de fuga, também, para o que ele não sabe responder imediatamente, ou para ganhar tempo até obter uma resposta na conversa para se fazer

entender.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Aline Menezes Guedes Dias de *et al.* Linguagem em idosos com doença de Alzheimer: uma revisão sistemática. *Revista CEFAC* [online]. 2015, v. 17, n. 5, p. 1657-63. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-021620151754215> Acesso em: 28 mar. 2023.

BAKHTIN, M. Fragmentos dos anos 1970-1971. In: _____. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017. p. 21-56

BEILKE, Hudson Marcel Bracher; NOVAES-PINTO, Rosana do Carmo. A narrativa na demência de Alzheimer: reorganização da linguagem e das “memórias” por meio de práticas dialógicas. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 39 (2): p. 557-67, mai.-ago. 2010.

BENVENISTE, Émile. Da subjetividade na linguagem. In: _____. *Problemas de Linguística Geral I*. 3. ed. São Paulo: Pontes, 1991.

CAÇANDO, F. A. X. C; ALANI, L. M; HORTA, M. L. Envelhecimento Cerebral. In: BETHLEM, N. *Pneumologia*. 4. ed. [S. l.]: Grupo Editorial Nacional (GEN), cap. 11, p. 232-55, 2016.

COUDRY, Maria Irma Hadler. *Diário de Narciso*: discurso e afasia. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

COUDRY, M. I. H. Neurolinguística Discursiva: afasia como tradução. *Estudos da Língua(gem)*, v. 6, n. 2, p. 7-36, Vitória da Conquista, dezembro de 2008.

FEIDEN, Juliana Andrade. *O acesso lexical na afasia: anomia, parafasia e estratégias comunicativas na produção oral*. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2014. 147p.

FRANCHI, Carlos. Linguagem – atividade constitutiva. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 22, p. 9-39, Campinas, 1992.

GERALDI, João Wanderley. *Linguagem, interação e ensino*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1990. 334p.

GUILLAUMIN, Jean. *La genèse du souvenir*. Paris: PUF, 1968.

LURIA, A. R. *Fundamentos de Neuropsicologia*. Trad. de Juarez Aranha Ricardo. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora, S.A. São Paulo: USP, 1981. 344p. (Edição consultada: 1984).

MARINHO, Júlia da Silva. *O prompting e suas funções linguístico-interacionais nas afasias*. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas-SP: [s.n.], 2012. 140p.

MAZUCHELLI, Larissa Picinato. A Dificuldade de Encontrar Palavras: inferências a partir da análise qualitativa de entrevistas com sujeitos idosos. *Estudos Linguísticos*, 46 (2): p. 730-44, São Paulo, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; COSTA, António Pedro. Fundamentos Teóricos das Técnicas de Investigação Qualitativa. *Revista Lusófona de Educação*, 40, 139-53, 2018.

MORATO, Edwiges Maria. Neurolinguística. Introdução à Linguística – domínios e fronteiras (Mussalim, F. & Bentes, Orgs), A. C. São Paulo: Cortez, 2001.

MORATO, E. M. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. 45. ed. Campinas: IEL UNICAMP, 2004. 172p.

_____. Processos de (des)legitimação linguístico-cognitiva: notas sobre o campo das patologias. *Cad. Cedes*, Campinas, v. 38, n. 105, p. 159-78, maio-ago., 2018.

NOVAES-PINTO, R. C.; SANTANA, A. P. Semiologia das afasias: uma discussão crítica. *Psicologia: Reflexão e Crítica* [on-line], v. 22, n. 3, p. 413-21, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722009000300012>. Acesso em: 27 out. 2021.

NOVAES-PINTO, Rosana do Carmo. Variações individuais nos processos linguístico-cognitivos de envelhecimento normal ou patológico: Cada caso é um caso. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 46 (2): p. 745-59, 2017.

PANHOCA, Ivone. Histórias de vida de pessoas com Doença de Alzheimer: Linguagem e presença de sujeito. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 42 (2): p. 878-88, maio-ago, 2013.

SENHORINI, G. et al. O processo terapêutico nas afasias: implicações da neurolinguística enunciativo-discursiva. *Revista CEFAC* [on-line]. 2016, v. 18, n. 1, p. 309-22. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982->

0216201618117214. Acesso em: 26 out. 2021.

Outra fonte:

IBGE – *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Características Gerais dos Moradores. Rio de Janeiro-RJ: IBGE, 2022.